

- 1 FEV 1995

Márcio Moreira Alves

■ DE BRASÍLIA



As mesas do Congresso

Briga no Senado é como colarinho de chope. O trouxa pensa que vai beber alguma coisa e só prova espuma. Sábios são os ingleses, que só bebem cerveja quente e nem Senado têm. A Câmara dos Lordes é uma aposentadoria dourada para antigos primeiros-ministros e um clube para aristocratas sem poder.

Ontem, a bancada do PMDB se reuniu para apartar uma briga tipo "me segura, me segura senão eu bato nele". Pela primeira vez houve uma disputa entre esses adeptos da acomodação. Concorreram à indicação do partido majoritário, que tem uma bancada de 22 senadores, os senadores José Sarney, Pedro Simon e Iris Rezende. O PMDB perdeu cinco cadeiras nas últimas eleições mas, com 28% do total, ainda é maior que o PFL, que ganhou três e representa 24%.

Quem ganhou, leva. O regimento interno da casa reserva ao partido com a maior bancada o direito exclusivo de indicar o presidente, que também preside as sessões do Congresso e é o terceiro na lista de substitutos do presidente da República.

Iris Rezende, recém-chegado às alturas capitólicas, vindo das planuras do Governo de Goiás, resolveu marcar presença. É uma das poucas maneiras que hoje lhe restam para ganhar espaço na imprensa nacional. Em tempos idos, quando os seus mutirões da casa própria eram novidade e pareciam ser uma expressão de mobilização popular conscientizadora, conseguiu até ser capa de revista. As redações eram esquerdistas e acreditaram ver no goiano uma liderança inovadora. Ficou claro, mais tarde, ser ele um político do Centro-Oeste, como os outros. Muito hábil, sem dúvida, com a mão firme na condução de alianças locais, sabendo premiar fidelidades e punir traições, mas sem um discurso que pudesse sensibilizar setores mais amplos do eleitorado nacional. Colocar-se como contendor em cargo tão importante foi a maneira que pensou para ganhar influência além dos quatro votos que teve: os de Goiás e o do senador Carlos Bezerra, do Mato Grosso. O PMDB não conseguiu fazer senadores em Tocantins nem no Distrito Federal, zonas tradicionais de influência goiana.

Pedro Simon dizia-se

um anticandidato. Apresentou um programa de reforma do Senado que, se adotado, mudaria não só os hábitos de generalizada complacência com os pecados dos colegas como a própria mentalidade dos senadores. Dose para elefante, num ambiente que está mais para negações felinas que para pisadas paquidérmicas. Acresce que, líder do Governo Itamar, Simon recusou-se sistematicamente a encaminhar as pequeninas reivindicações dos senadores, desde um simples pedido de audiência até indicações de nomes para cargos de confiança. Dizia que não estava na liderança para isso, e sim para debater os problemas nacionais e as soluções propostas pelo Executivo. A atitude custou-lhe o afeto da maioria. Quebrava as regras de ajuda mútua do clube. Ninguém vai a uma reunião dos Alcoólatras Anônimos para defender Johnny Walker ou Jack Daniels. Ainda que a renovação do Senado tenha sido importante, não foi suficientemente profunda para apagar a memória das coisas, nem, muito menos, para mudar a cabeça dos eleitores.

Pedro Simon teve o voto de quatro outros colegas, três do Sul. O que lucrou com isto? Mais uma vez, espaço na mídia e um atestado de comportamento politicamente correto. Talvez não ganhe lá tantos votos nas aglomerações humanas de urbanização espontânea, expressão politicamente correta para dizer-se favela, mas nunca se sabe.

José Sarney galopa para o vencedor com o chicote debaixo do braço. Teve os sete votos do Norte, os cinco do Nordeste, e ainda uns pingados. Pode até sacar o boné para saudar a assistência, já que é o favorito dos demais partidos, excetuado o PT, é claro, e do próprio Palácio do Planalto. A última coisa que Fernando Henrique desejaria é ter de negociar com um presidente do Senado messiânico. Tem uma sólida maioria, que não quer colocar em risco. Sarney já provou, na presidência da República, ser compreensivo com a classe política. Teve, ainda, a torcida dos funcionários da casa.

Na Câmara, não há novidades. Tudo acertado, Luís Eduardo Magalhães já mandou cortar o terno da posse e providencia a mudança para a mansão do Lago que lhe cabe.